onde o utilitarismo corrompe a socialidade. Nesse sentido, o estudo antropológico de sociedades diversas pode indicar-nos a viabilidade de outras formas de viver e pensar. Não que devamos imitar os montanheses dos Alpes suíços ou os ganawuri da Nigéria. É bem o contrário. Não há possibilidade de autogestão sem respeito à diversidade e, portanto, à singularidade.

O antropólogo Gérald Berthoud em seu livro *Pladoyer pour l'autre* trata de uma forma nem sempre simples, mas sempre muito interessante, desse tipo de questão, que em última análise se insere na problemática da dominação e da resistência no mundo moderno. □

*Fernando Cláudio Prestes Motta**

*Professor titular no Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos (ADM) da EAESP/FGV.

Bernoux, Philippe. *Un travail a soi*. Toulouse, Privat, 1982. 252 252 p.

"Je peux me contenter d'une assiette de soupe par jour. Mais je veux avoir le droit de prende des decisions sur les problèmes de l'entreprise."

(Lech Valesa, 27 août 1980)

O livro de Bernoux trata da reivindicação de apropriação entre os operários não qualificados. Entretanto, salienta que essa ambição torna-se, atualmente, universal, atingindo outras categorias da população. Na verdade, a apropriação é uma reação operária antiga. Os operários procuram, atualmente, na França, mais poder sobre o ambiente próximo, do que menos fadiga ou mais segurança.

Não é surpreendente observar a apropriação no universo operário: na fábrica a dominação dos sistemas industriais se faz sentir muito fortemente.

De qualquer modo, não é exclusivamente na fábrica que a dominação exerce seus constrangimentos. Esses também são sentido em outros campos. Na França, a reação a essa dominação se faz presente nas lutas dos movimentos regionais, nos movimentos feminista, ecológico e muitos outros. Mas, afinal, o que pretendem esses movimentos? Essencialmente, pretendem o direito de dar sua palavra na conduta de assuntos que lhes dizem respeito, de obter o reconhecimento de que um determinado domínio — o poder central — não pode mais legislar sozinho. O que torna o movimento ecológico forte, por exemplo, não é apenas a defesa da natureza e dos espaços verdes, mas a luta pelo reconhecimento do direito de expressão, ou mesmo de negociação, das populações a que tais questões se referem.

Na verdade, o termo apropriação tornou-se muito usado na França, o que segundo Bernoux é compreensível, já que um dos traços característicos das sociedades altamente burocratizadas é a exclusão do poder, levando à dependência. A apropriação é uma estratégia de conquista de um poder sobre o seu ambiente pelo grupo. Ela permite a esse grupo se definir pela luta contra a dominação. A apropriação postula, pois, a luta e o reconhecimento de um grupo. A autogestão está no estágio último da administração, mas se apóia na prática da apropriação. Ela, na verdade, a legitima. Na medida em que a autogestão implica a apropriação coletiva dos meios de poder por toda a sociedade, inclui a apropriação como caminho. Todavia, autogestão significa exercício concreto do poder; já a apropriação se manifesta no estágio de luta. □

Fernando Cláudio Prestes Motta